



EM FAVOR DOS SOLDADOS PORTUGUEZES

A sr.ª D. Maria Ismalla Soares Gomes recitando, n'um festival do Porto, a vibrante poesia «Pela Patria» da sr.ª D. Esmeralda de Santiago, publicada na *Ilustração Portuguesa*. (Cliché da «Foto-Electrica», Porto).

Segunda série — N.º 464

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 11 de Janeiro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L.D.A.
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre..	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre..	2\$40	10 centavos
Ano.....	4\$80	

Companhia do Papel do Prado

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Enneçreo telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**



Inglez pratico

O NOVO METODO

Inglez em 15 dias

Sem livros, sem estudo, com pronunçação figurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 50 réis. curso completo 500 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 320 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importância em vale do correio a Mr. F. Alexander

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.
LISBOA

REMEDIO FRANCÊS

XAROPE FAMEL

CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES Mesmo chronicas

TOSSES ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacies ou no deposito geral J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porte compranda 2 frascos.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de otimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envlam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, criação de animaes, etc.

PREÇO: 20 RÉIS CAÇA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos; analyses e informações.

POR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 464

11-1-1913

Angola

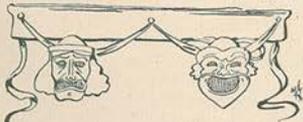
A Alemanha está-nos já guerreando em Africa — e agora com a força das suas armas e dos seus canhões. D'ha muito, que ela, sobretudo em Angola, nos combatia pela intriga, pela espionagem e pelo ardil. E não sei se esta fórma de fazer a guerra, comprometendo-nos e indispondo-nos com o gentio, não terá sido, pelos seus indirectos e futuros efeitos, mais temível do que todas as vio-



lencias do combate militar, iniciado agora. Aos velhos processos germanicos de penetração pela astúcia e má fé, opuzemos nós essa indiferença, que a historia castiga quasi sempre como desleixo. Na luta que vae travar-se ao sol das batalhas, Portugal resgatará sem duvida os excessos da sua confiança em tempos de paz, levantando bem alto, nos campos da guerra, a tradição heroica do seu nome. O soldado portuguez, que é o primeiro soldado colonial do mundo, recebeu já, no seu sangue, as primeiras injurias alemãs. Fal-as-ha pagar, como outr'ora — caro e de vagar.

Exposição teatral

Está-se inaugurando, n'este momento, no Teatro Lyrico, de Milão, uma exposição teatral que abrange varias secções — illustrações de teatro, «mise-en-scènes», instrumentos musicaes, documentos artisticos, etc. D'ha muito que quem estas linhas escreve defende a idéa da criação, junto da nossa Escola de Arte de Representar ou do Teatro Nacional, não d'uma exposição, mas d'um muzeu de teatro, em que fossem recolhidas todas as innumeras e interessantes coisas, existentes em Portugal, relativas á historia da arte scenica. Com o arqui-



vo do Teatro Nacional, em que ha documentos magnificos do repertorio portuguez, com o arquivo do Teatro de S. Carlos e com centenares de documentos particulares dispersos, constituir-se-ia uma valiosa coleção. Taborda deixou, entre os seus objectos e albums, coisas curiosissimas do seu tempo; Santos Pittorra legou papeis preciosos e Augusto Rosa, por exemplo, entre os vivos, possuiue autografos e recordações muito interessantes.

Reunir o que fosse possivel de tudo isso, dispondo-o e integrando-o na tradição da sua epoca, seria crear um subsidio belo e educativo para a historia, que ainda não se fez, da vida do nosso teatro — em tudo o que n'ela, pela anecdota e pela revelação de figuras e factos, ha de pitoresco e de impressivo, para a reconstituição da arte portugueza contemporanea.

Debaixo d'água

As ultimas chuvas, engrossando o Douro, o Mondego e o Vouga, provocaram inundações, em Portugal, desde Barca d'Alva ao Porto, nos vales de Coimbra e nos lindos campos d'Aveiro. O Ribatejo foi tambem atingido pelas cheias. De Espanha, especialmente de Murcia, chegam noticias de inundações e, em Italia, o Tibre devastava campos e ameaça aldeias e vilas. Persistindo os tempo-



raes, verificar-se-ha em breve esta coisa estranha e horrivel: enquanto metade da Europa está debaixo de fogo, a outra metade está debaixo d'água. E se algum mortal escapa ao fogo e á água, cae-lhe um predio em cima, como succedeu agora em Portalegre. — Amigo 1915, isto assim não vale!

Livros

Coimbra envia-me dois livros: — um livro de direito e um livro de versos. Firma o primeiro, sobre *Concessões nos serviços publicos*, um estúdio de valor, o dr. João Colaço; firma o segundo um poeta de juvenil inspiração, o sr. Garcia Pulião. Coimbra continúa, pois, a doutrinar bachareis e lentes e a fabricar poetas e sonhos, apesar da Universidade usar agora frak e do Penedo da Saudade, armado em bairro rico, trazer aneis de brilhantes nos dedos. O lindo Penedo da Saudade, meu triste Antonio Nobre!...



— Tambem sobre a minha mesa de trabalho está, desde ha dias, um livro, por muitos titulos, valioso, como documentação e critica, «Distinções das funções do Estado». E' seu autor o meu illustre colega dr. Raul Carmo.

Illustrações de Manuel Gustavo.

AUGUSTO DE CASTRO.

P. S.—E agora posso dar, n'esta pagina da «Illustração», a noticia agradavel de que Julio Dantas, convalescente ainda da grave doenca que o feriu, retoma a segunda feira proxima este lugar que o seu talento tanto tem honrado. A minha modesta interinidade cessou. Um aperto de mão caros leitores, Separemo-nos, como aqui nos encontramos, com um sorriso — o melhor que possa arranjar-se nos tempos tristes que vão correndo. A. de C.



A Ilha

DAS

Mulheres

Sem homens, Lemnos convertera-se n'um triste deserto para o amor fecundo e alegre.

Desde a hora assassina em que o ultimo ser masculino fôra barbaramente estrangulado, ainda no berço, por mãos enfurecidas de ciúme, nunca mais as ondas da escarpada costa haviam copiado um sorriso, nem os montes refletido uma canção, pois que, não encontrando a quem agradar, as mulheres da desvirtilisada ilha só sabiam vociferar colericas, ou, contritas, murmurar frases dolorosas de remorso e lastima.

Tinham creado odio umas ás outras. A's proprias deusas, por pertencerem ao seu sexo abominado, não endereçavam preces, ou ofereciam sacrificios. Marte servia-lhes agora de patrono: d'ele praticavam, zelosas, o culto, esperando o beneficio de uma castigadora invasão armada, que

lhes trouxesse, a muitas, talvez a morte pelo ferro, mas a algumas, certamente, o apetecido jugo de um braço de guerreiro.

Nas casas, nas ruas, no campo, mal se falavam entre si. A' atribuladora carencia de prazer amoroso, acrescentára o rançor esse outro, para mulheres, insuportavel tormento da castidade oral, que é o silencio.

Se acaso, porém, necessitadas de conjugar os esforços de mais de dois braços debeis, succedia, emquanto repousavam, confiarem-se mutuamente a magua comum, infalivel se tornára que, repesamente iradas, memorassem o caso nefando da premeditada, voluntaria matança, que as enviára, orfanára, desnoivára ou isolára a todas, tirando ás mães os filhos, os irmãos ás irmãs, os esposos ás consortes, os prometidos ás namoradas, os amantes ás companheiras.

O nome de Venus nem sequer á boca pequena se proferia, visto que nenhuma duvidava de ter sido a deusa soberba e lasciva a instigadora do castigo que roubára a Lemnos todos os adolescentes, todos os anciãos, todos os meninos.

Fiadas na graça dos seus requebros, aprendidos nos meneios ora languidos, ora altaneiros do mar; demasiadamente seguras do brilho da seus olhos que o fogo cubiçava; satisfeitas de redondez de seus colos, cativantes como as mais bonanças enseadas, as lemnianas, julgando-se poderosamente invenciveis de beleza, desprezaram, por muito tempo, e esqueceram as devoções rituaes á mãe do amor.

Os dias de Aphrodite passavam-lhes quasi despercebidos, sem festas, nem grinaldas, nem pombas, nem essas harmoniosas orações vivas que são as dansas.



Em sua formosura tentadora, consideraram-se as ardentes mulheres de Lemnos dispensadas de requerer a proteção da Acidalia, e tanto se obstinavam na vaidosa presunção, que, melindrada, a guardiã das delícias as elegeu para vítimas e executoras da mais terrível sentença.

De como Aphrodite, quando exasperada, se mostrou cruel, que o digam as furias de Medéa, o fim trágico de Glauco devorado pelas jumentas, o fadário de Helena, a sorte dos Cerastas metamorfoseados em bois bravos, a dôr de Phedra, a errante insaciabilidade das Gropétidas an-

alento, que nenhum perfume debelára, nem olfato humano podia aguentar.

De um dia para o outro, as capitosas mulheres de Lemnos tornaram-se intoleráveis para os maridos e parentes, que, ao reganhar, forçados, as moradias, tinham de levar as mãos ao nariz, como se a podridão de um cadaver lhes empéstasse o lar.

Tentaram habituar-se, mas foi-lhes impossível. A trescalancia entontecia-os, tresandara a cem passos. Abatidos por ela, os fortes lemniados, que só a guerra às vezes sefreava, conheceram a continência.



tes de se volverem em rochas frias, a alada conversão das filhas de Cyniro, a sêde incestuosa de Myrrha, a aliança devassa da caçadora Polyphonte e do urso, ou a taurea inclinação de Gasiphaea!

Para esse tão feminino prazer de represália, a que nem as deusas quiseram furtar-se, Lemnos era campo grato á filha da espuma. Fôra lá que, avisado pelo despeito de Jupiter, o côxo Vulcano apanhára, com a rêde de invisíveis malhas, a esposa e Marte flagrantemente enlaçados.

Tambem em Lemnos, Philocteto, o maliano, recebera a mordedura pestilenta da serpente, ou a peçonha da heráclia flecha.

Relembrando o facto, Venus fez com que aos múltiplos encantos das lemniás um senão se misturasse, afastador, enjoativo, irresistível: um fétido

Esta, no entanto, brigara com o valor de seu impulsivo sangue batalhador. Não tardou por isso, que fossem buscar, longe da fedorosa patria, outras mulheres, talvez menos belas, mas mais fragrantes, ou, pelo menos, mais inodoras.

Ofereceu-lhas a Thracia, nas pessoas irrequietas das lubricas adoradoras de Coytto, frenéticas no manejar dos cymbalos estrondosos e dos pandeiros reboantes.

Em pouco tempo, Lemnos encheu-se de escravas edonianas, com as quaes os atrevidos pelejadores se banquetevam e tresfoliavam, descurantes das antigas esposas, das noivas desdenhadas, ou das repelidas amantes.

D'esse modo, voluptuosas, as mulheres de fóra confiscaram todo o carinho anteriormente fruído

pelas da ilha, que, enfurecidas, desesperadas, invejosas, acordaram em praticar uma monstruosa hecatombe de quanto varão, quer adulto, quer velho, quer infante, havia em Lemnos.

Ao radical viricídio, sómente escapou Thoante, por dedicado ardil da filha, Hypsipyle.

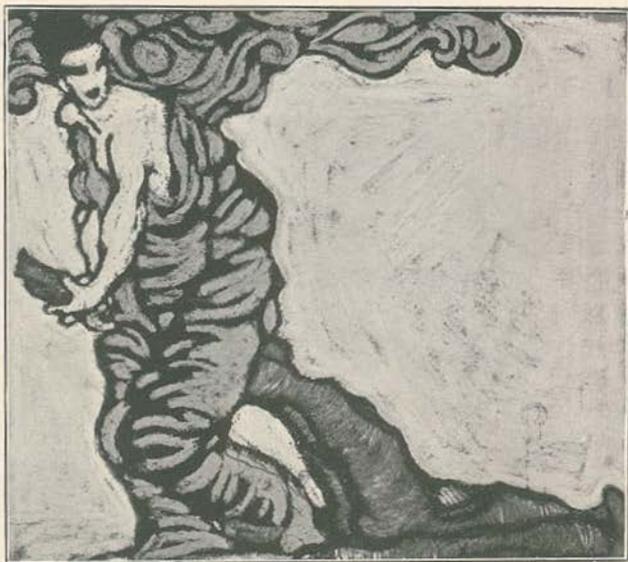
Quando as mulheres decidem fazer o mal, o resultado é-lhes sempre funesto.

Nos primeiros dias subsequentes ao massacre,

O medo enfileirou-se no cortejo dos males que as afligiam: sabedores da carnificina e da expulsão das escravas, os Thracios não deixariam de vir tirar desforço.

Temiam as lemnias esse momento sangrento da desforra, mas era, afinal, o que mais anciosamente desejavam, pois, se bem como inimigo, carrasco ou tirano, tornariam a enfrentar o ser apetecido: o homem, insubstituível.

Vivendo nessa pávida, suspirosa, expectativa, cobriam-se apenas com modestas exomidas, que lhes desnudavam todo um lado do busto, prontas a reenvergar as sumptuosas ciclas agaloadas, logo



as lemnias saborearam o orgulho da façanha.

Antes de um mez, porém, começaram as mães a sentir doer-lhes nos seios o peso do leite inutil, as esposas a aborrecer-se na solidão do lar, as virgens a não saberem viver sem a esperança de mudarem de estado: todas, enfim, a lamentarem-se do muito trabalho a que a falta dos homens as obrigava.

Por capricho, ainda procuraram organizar-se em nação, escolhendo para rainha a compadecida Hypsipyle, que mais tarde desterrariam; mas não havia quem arroteasse as leiras, nem desbravasse os caminhos, nem defendesse a cidade.

que as primeiras anaxyridas dos edonianos assomassem no potro abandonado, sobre uma nau de farta vela.

Executado o morticínio, a maldição de Aphrodite perdera o efeito. As bocas das lemnias cheiravam de novo a rosas frescas ou ao venusino mirto.

E tanto sonhavam elas, agora, com a possibilidade de um futuro beijo—o beijo que havia de ser para as argonautas—que seus labios humidos pareciam já andar a dá-los no ar balsamico do Egeu.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

A defeza de Angola contra os alemães

Os alemães talaram novamente o nosso território de Angola, realizando os seus planos hostis e ambiciosos de muitos anos. Desde longa data que eles acumulam na sua colonia de sudoeste muitas tropas e material de guerra, sobressaindo artilharia grossa. A fera tinha bem preparado o saito que

deu agora. Ao ardil com que o preparou corresponde a vilania e traição com que o deu. Sem declaração de guerra, sem o menor respeito pelos mais sagrados preceitos do direito das gentes, irrompe pelas nossas fronteiras em hostes cerradas e procura trucidar quantos encontra desprevenidos.

Ou agora, ou nunca, pensaram os invasores. Mal tinha tempo de ali haver chegado a nossa primeira expedição, in-

su ficientissima, apesar do valor e patriotismo do soldado portuguez, para fazer face a tão desproporcionado numero. Essa desproporção era ainda agravada pela longa viagem, seguida

oferesse a ambos os combatentes egualdade de circunstancias.

Mas ainda assim se lutou, ainda se sacrificaram vidas, porque o portuguez nunca foge mesmo deante d'estas surpresas traiçoeiras, a que os outros devem os seus efemeiros triunfos.

E lutou-se com bravura, procurando-se ao mesmo tempo posições seguras que permitissem ir contendo as tres poderosas columnas invasoras, enquanto não chegavam reforços.

Houve mortos, feridos e desaparecidos, felizmente em pequeno numero, em numero muito inferior ao que se podia presumir, dadas as circunstancias excepcionaes em que se efetuou esse inesperado recontro.

Por ora está apenas averiguado o que diz respeito á baixa de officiaes.

Morreu o capitão de infantaria 14, sr. Artur Homem Ribeiro; ficaram



1. O capitão de infantaria 14, sr. Artur Homem Ribeiro, morto pelos alemães — 2. O capitão de infantaria 14, sr. Albano de Melo Pinto Veloso, ferido ligeiramente no combate com os alemães — 3. O tenente de infantaria 14, sr. Antonio Rodrigues Marques, feito prisioneiro pelos alemães



O esquadro de dragões do planalto de Huila que deu uma carga brilhante nos alemães

de fortes marchas que os nossos soldados acabam de fazer, ao passo que os alemães entravam em combate com o descanso e mais recursos de uma longa preparação, estando já afeitos a um clima tão adverso ao soldado europeu. Não havia que duvidar sobre o exito d'uma luta que se aceitasse com essa massa esmagadora em terreno que

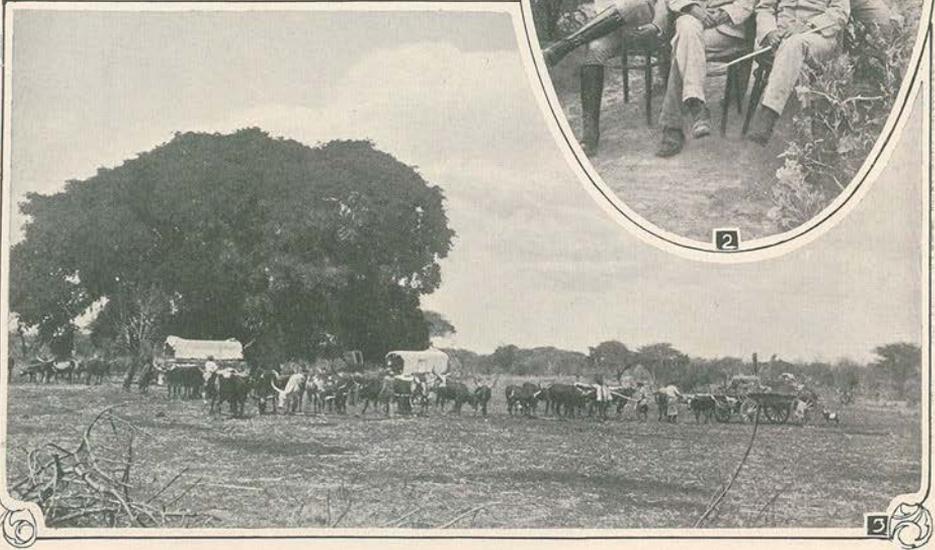


Um exercicio de artilharia antes da partida para o campo das operações

feridos, sem gravidade, o tenente, sr. José Tristão de Bettencourt, o alferes sr. Amadeu Gomes de Figueiredo e o capitão sr. Albano de Melo Pinto Veloso, todos d'aquella mesma regimento. O tenente sr. Antonio Rodrigues Marques ficou prisioneiro e desapareceram o tenente de cavalaria sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão e



os alferes srs. Joaquim Maria Alves, de cavalaria, e Raul José de Andrade, do quadro auxiliar. Nada mais se sabe, sendo justificada a ansiedade com que se esperam pormenores do combate e a lista completa das baixas que aliás não devem ser muitas, continuando a ser bom o estado de espirito das nossas tropas que almejam por tirar a desforra. Impõe-se, realmente, vingar quanto antes o procedimento inqualificavel das tropas alemãs, que naturalmente ainda a estas horas estão acampadas em territorio por-



1. A 15.^a companhia de Moçambique atualmente no sul d'Africa — 2. Oficiais da 15.^a companhia expedicionaria de Moçambique no campo das operações — 3. Um acampamento no Cuamato



2
O tenente de cavalaria, sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão, desaparecido no combate com as alemães



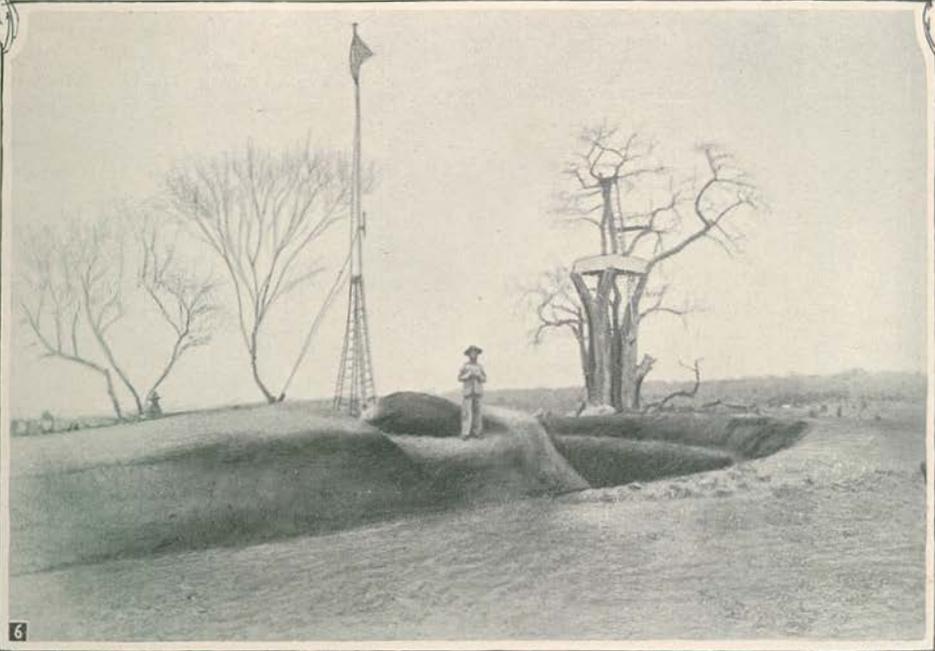
4
O alferes do quadro auxiliar, sr. Raul José de Andrade, também desaparecido no mesmo combate



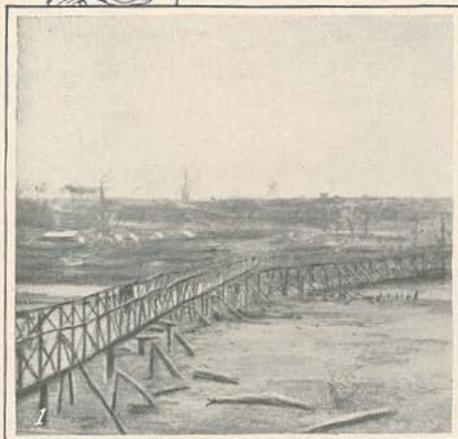
1. O forte Roçadas. Face voltada ao norte—3. O alferes de infantaria sr. Amadeu Gomes de Figueiredo, ligeiramente ferido no combate pelos alemães—5. O tenente de infantaria 14, sr. José Tristão de Bettencourt também ferido ligeiramente



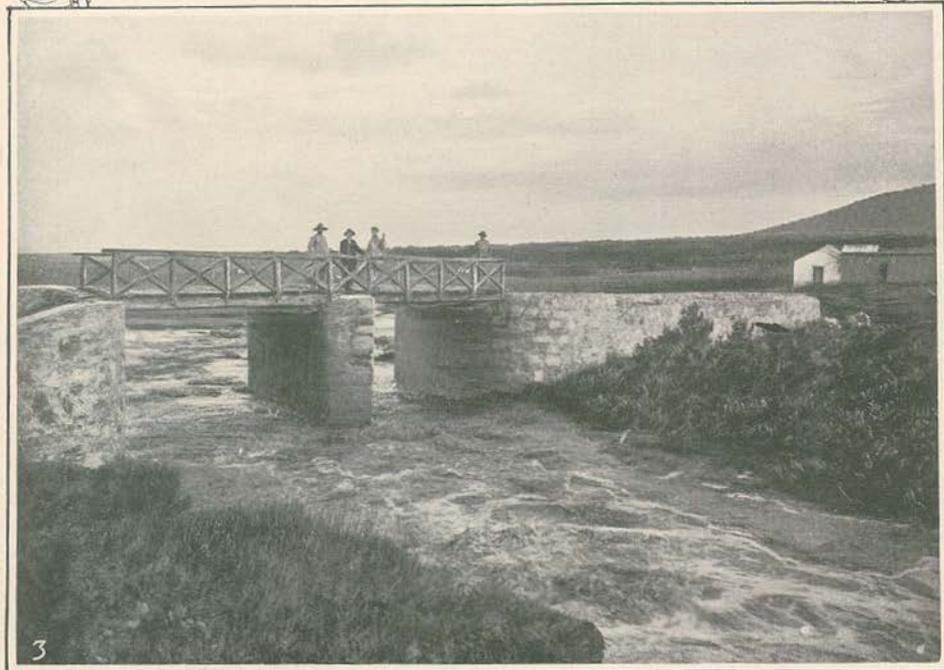
tuguez. O comandante Roçadas, é verdade que não é homem que fique de braços cruzados à espera de reforços da metropole. Com a pouca gente dispersa de que ainda dispõe tel-a-ha decerto concentrado, organizando, não a ofensiva com que se precisa de castigar tão insolita arremetida, mas um nucleo de defeza que não deixe avançar a invasão e lhe vá começando a in-



6
O posto de observação do forte Roçadas



fligir uma lição tremenda. O facto de n'ho terem vindo novos telegramas deixa-nos concluir que o inimigo se conteve e esperar que os novos contingentes que se preparam para Angola cheguem lá antes de nova proeza dos nossos detestáveis vizinhos. Então lavar-se-á a afronta sofrida, como é forçoso que se lave para honra do paiz e do nosso exercito. Tel-a-hiamos evitado, se tivéssemos enviado logo as forças suficientes que mandámos este mez. E mal se explica que não soubessemos já as forças e o material de que dispunham os alemães para nos atacar e que nem tão pouco deitassemos conta a que por cada mil soldados europeus que convem ter em Africa com a saude e resistencia indispensaveis a lutarem aturadamente, precisamos de enviar o triplo.



1. O forte Rocadas: Ponte sobre o Cunene, que dá acesso ao forte — 2. O tenente de cavalaria, sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão, também desaparecido, tendo á sua direita o seu camarada Ataíde — «Clichê» tirado ha quatro mezes no sul d'Angola — 3. Ponte sobre o rio Maçufe, ao sul do Lubango e no caminho da Chibia

FESTIVAL EM FAVOR DOS SOLDADOS PORTUGUEZES

No jardim de Passos Manuel, no Porto, realizou-se um festival em favor dos soldados portugueses concorrendo toda a sociedade elegante daquela cidade. O programa era brilhantissimo.

A comissão promotora, composta de cidadãos



A grande numero dos jovens concorrentes foram distribuidos premios, sendo alguns de valor, todos oferecidos por varios comerciantes da mesma cidade, que igualmente demonstraram interessar-se pelo aperfeiçoamento.

1

1. Crianças premiadas no concurso de beleza infantil.

do mais acrisolado patriotismo, não se poupou a trabalhos, conseguindo que todos os numeros tivessem o mais brilhante exito, incluindo o concurso de beleza de crianças, que foi simplesmente encantador.



2. A menina Maria Eugénia Machado Caldas Brito e o menino José Antonio Machado Pereira Osorio, que cantaram o dueto da «Desgarrada».



3. As meninas Maria Madalena e Maria Otavia Lopes Gonçalves, esta premiada no concurso de beleza.



A comissão organizadora do festival

mento da raça portugueza.

Depois da distribuição dos premios realisoou-se no salão do jardim uma sessão de animatografo, seguida de uma «matinée» literario-musical, na qual se executaram trechos de operas e de canções mais conhecidas, recitando-se tambem poesias patrioticas, entre elas a formosa composição da sr.^a D. Esmeralda de Santiago, «Pela Patria», publicada na «Ilustração Portugueza».



1. A menina Maria Isabel Galiza, tambem premiada no concurso de beleza. 2. A sr.^a D. Judith Lima, que cantou a «Chanson Russe» e uma aria do «Fausto». — 3. Mais creanças premiadas no concurso de beleza.

Não se descrevem os applausos dispensados á illustre comissão promotora e ás pessoas que tomaram parte n'essa inolvidavel festa d'arte que foram: as sr.^{as} D. Esmeralda Santiago, D. Maria Ismalia Soares Gomes, D. Judith Lima, D. Steffi Czilag, D. Maria Ivanigi, e as meninas Maria Eugenia Machado Caldas Brito e Dulce e Laura Souto e os srs. Horacio Vinhal, D. José Poeta, Eurico Vale, Pedro Bandeira e Gabriel Jaudoin e o menino José Antonio Machado Pereira Osorio.

4. A sr.^a D. Maria Ivanis, da «companhia Caramba», que cantou o «Fado Portuguez». — 5. A sr.^a Steffi Czilag, da «companhia Caramba», que cantou com o sr. Eurico Vale o dueto da «Divorcida».

O Velho Mundo em guerra

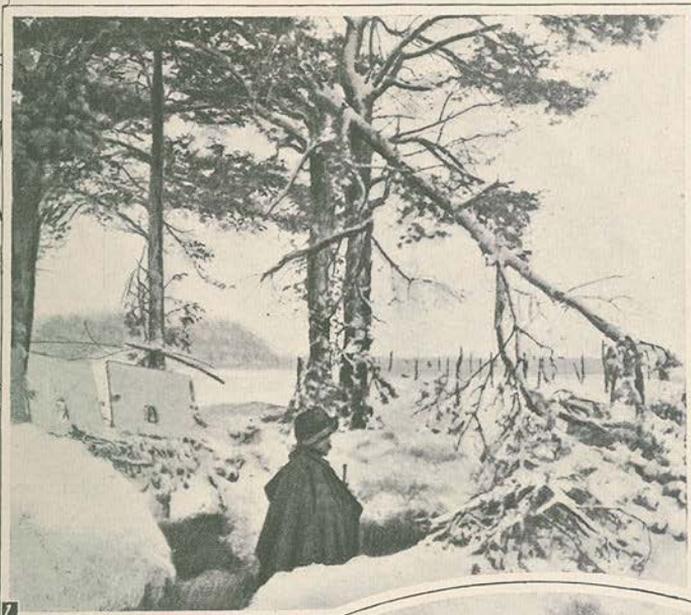
Realmente, a conflagração européa já se estendeu á Africa e á Asia. O Velho Mundo está n'um brazeiro medonho.

Não são apenas as colonias dos paizes europeus ou os estados mais ou menos dependentes d'elles que mandam contingentes para os teatros da guerra européa ou lutam nos seus proprios territorios contra os alemães ou os seus

mundo inteiro, se do outro lado do Atlantico os Estados-Unidos do Norte rompem a atitude reservada e serena, em que se encontram as nações do Novo Mundo ante o espetáculo sangrento, deshumano, que está oferecendo o Velho. Mas essa terrivel hipotese parece, por ora, conjurada como ultima decepção da Alemanha. Vê a Italia resistir a todas as diligencias diplomaticas e a invocações sentidas de uma velha

aliança; a Hespanha conserva-se n'uma neutralidade absoluta, e a maior parte dos paizes balticos a pronunciarão-se contra ella, sobrepondo alguns a visíveis conveniencias a repugnancia, o horror que lhes infunde o combater pela tirania e pela absorção ao lado da selvageria germanica.

Agora desfaz-se-lhe o sonho que alimentava ha dias de se converter n'um incidente diplomatico, que poderia derivar n'um «casus belli», a nota que o governo norte-americano enviou ao governo inglez sobre o tratamento dado pela esquadra britanica ao co-



Na floresta de Argonne. Um posto de observação a 205 metros da primeira linha de trincheiras alemãs

aliados; são mesmo os estados independentes que se vêem arrastados nas malhas d'esta complicada rede de interesses internacionais, feridos, mais por aqui mais por ali, pela ambição germanica que não descansa, que não trepida, sejam quaes fo-

rem os meios, em aterrar, confundir e intrigar, tentando assim, por ultimo e desesperado esforço, libertar-se do circulo, cada vez mais apertado, do ferro e fogo em que se sente aniquilar.

E por pouco que não está em guerra o mercio marítimo dos Estados-Unidos.



Prisioneiros servios, entre os quaes o comandante Autaditch, fuzilado pelos austriacos em Javanovatz

Tudo se aclara, tudo se define bem entre os governos das duas poderosas nações irmãs. Só podia esperar outra coisa a Alemanha, obedecida como se encontra por desastres sobre desastres das suas armas, por insucessos sobre insucessos da sua diplomacia. O bom governo nunca póde, nem deve ir, contra o sentir geral do seu paiz; e, hoje, não ha paiz algum em que não germine um odio irreprimivel contra o cesaris-

mo alemão, em que se não levante um clamor de guerra e de maldição contra a sua ferocidade. Não excluímos nem a Austria nem a Turquia. Os seus soldados para esse monstruoso matadouro, agrilhoados á disciplina; mas o coração fica-lhes com as multidões, que pelas ruas e praças vociferam pragas e torpezas contra o tira no que, se chegasse a espesinhar os outros, espesinhá-os-hia também miseravelmente.



1



2



3

1. Uma casa em Lonsdale Road, Scarborough, tal como ficou depois de ter sido atvejada por uma granada de um navio de guerra alemão.—2. Uma casa na Wykeam Street, Scarborough, onde pereceu toda a familia de Bennett.—3. A habitação do sr. Nicholas Cliff, tambem atingido pela artilharia alemã em Scarborough.



1. *Oficiais franceses n'um momento de repouso da grande campanha.*

2. *Um grupo de oficiais franceses junto de uma ambulancia nas margens do Mosa.*



3. *A que ficou reduzido o celebre couraçado alemão Emden.—2. Um dos típicos canhões moveis de seis polegadas dos monitores ingleses.*



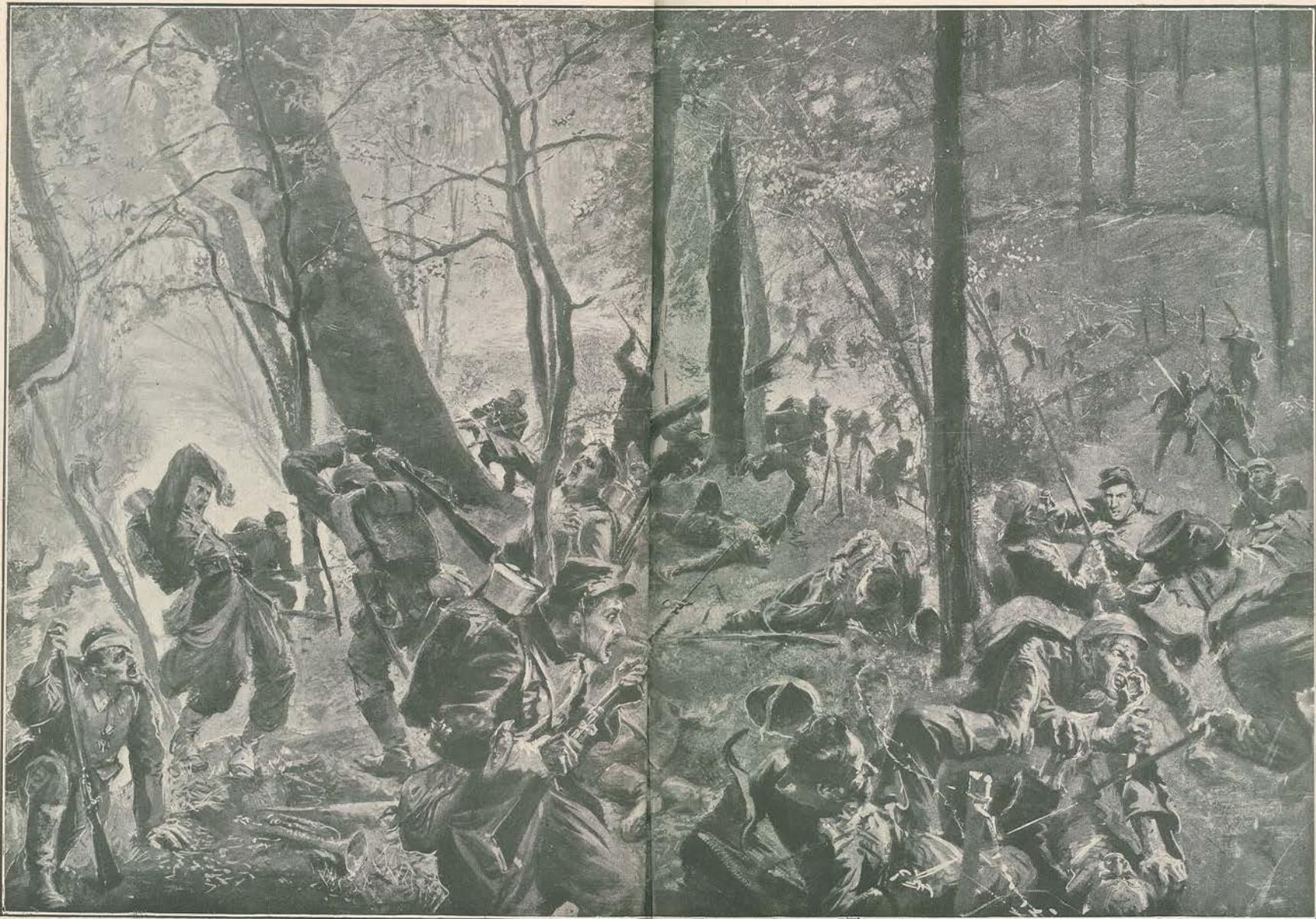
Uma terrível luta entre a cavalaria russa e a alemã nos arredores de Cracovia



População civil francesa levada pelos alemães para uma igreja por suspeitas de espionagem



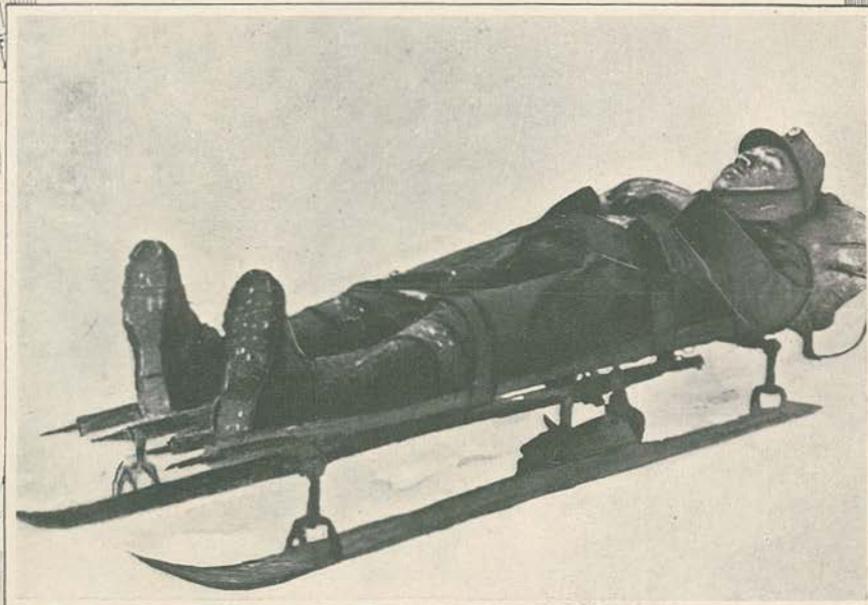
Combate feroz n'um dos fossos de Przemyśl, assaltado pelos russos



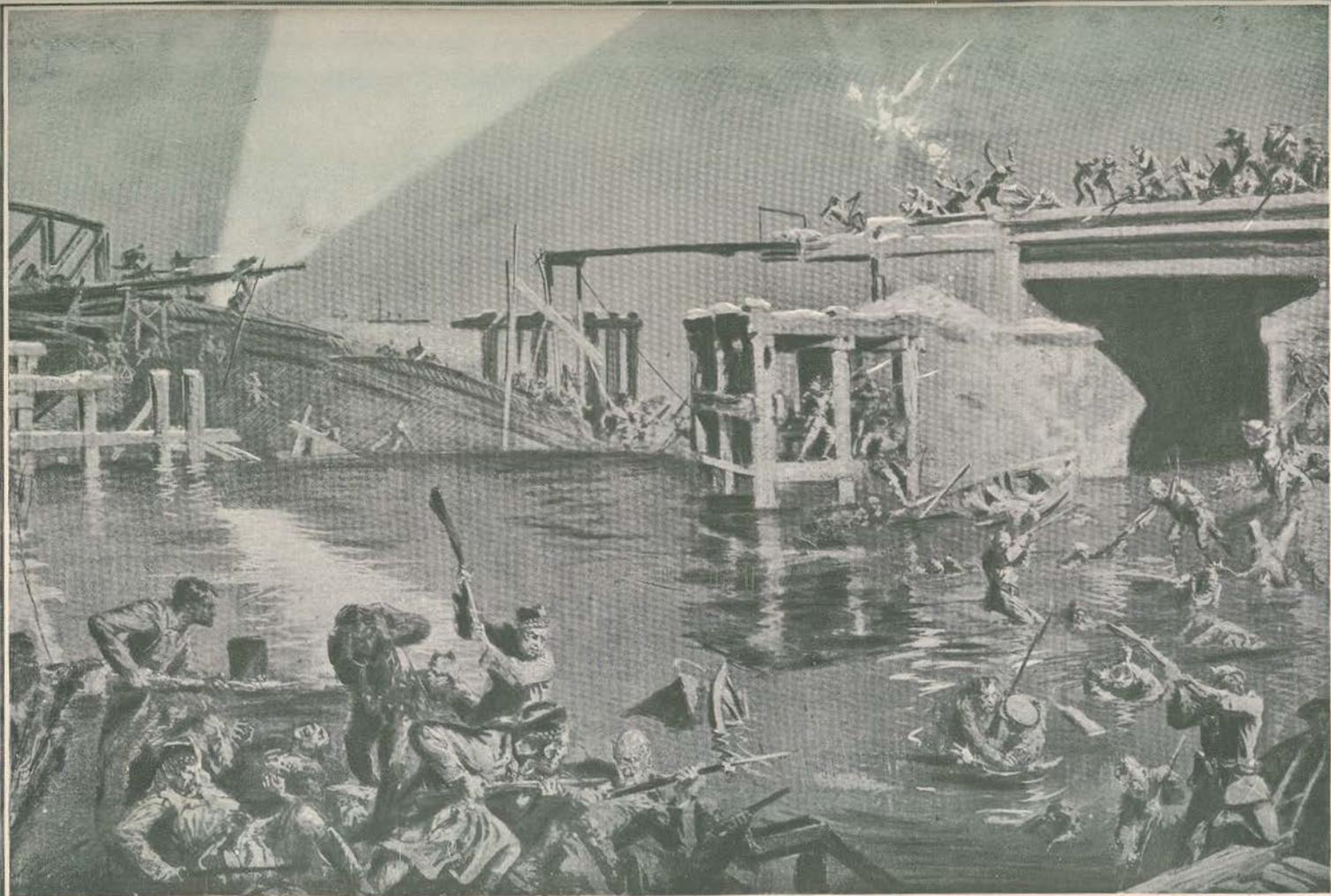
Um dos combates mais deplorados na floresta de Argonne



Uma patrulha austriaca em reconhecimento



A condução sobre a neve de um soldado austriaco morto em combate



Um combate noturno no território inundado de Nieuvort



Os servios defendendo gloriosamente a sua bandeira



Uma terrivel carga de cossacos sobre a infantaria austriaca



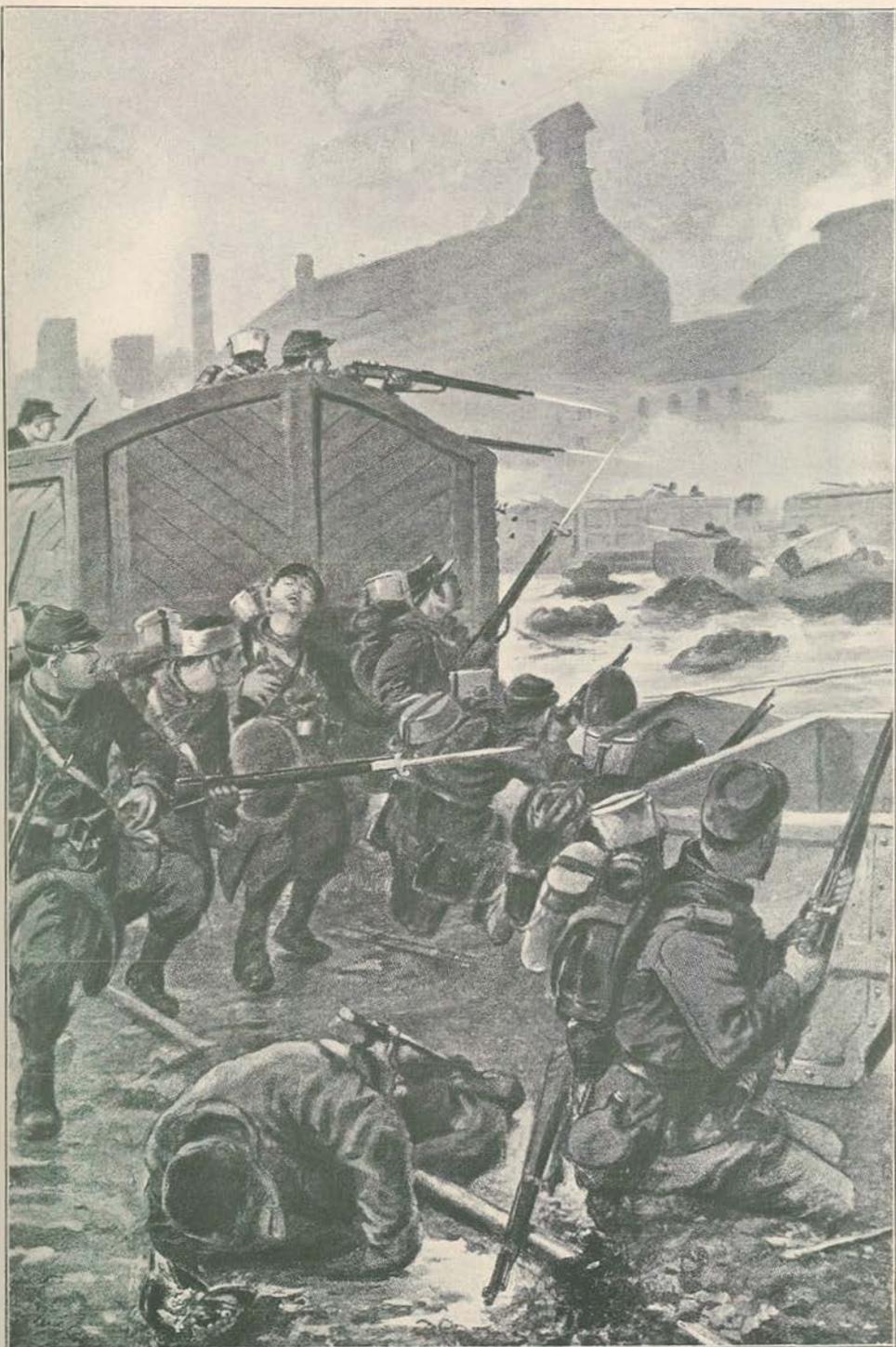
Antuérpia ocupada pelos alemães



Nos arredores de Diemude: Belgas emboscados na
esquerda de Yser.
(«Clichés M. Branger».)



A artilharia pesada inglesa fazendo fogo no norte da França



Um combate a oeste de Lens (norte da França).



Uma casa de Cleveland Road em Hartlepool, onde morreram muitas crianças por motivo do bombardeamento dos alemães.



Um buraco de granada na capela de Hartlepool.



O restaurante e bufete do Grande Hotel em Scarborough, destruído pelas granadas alemãs



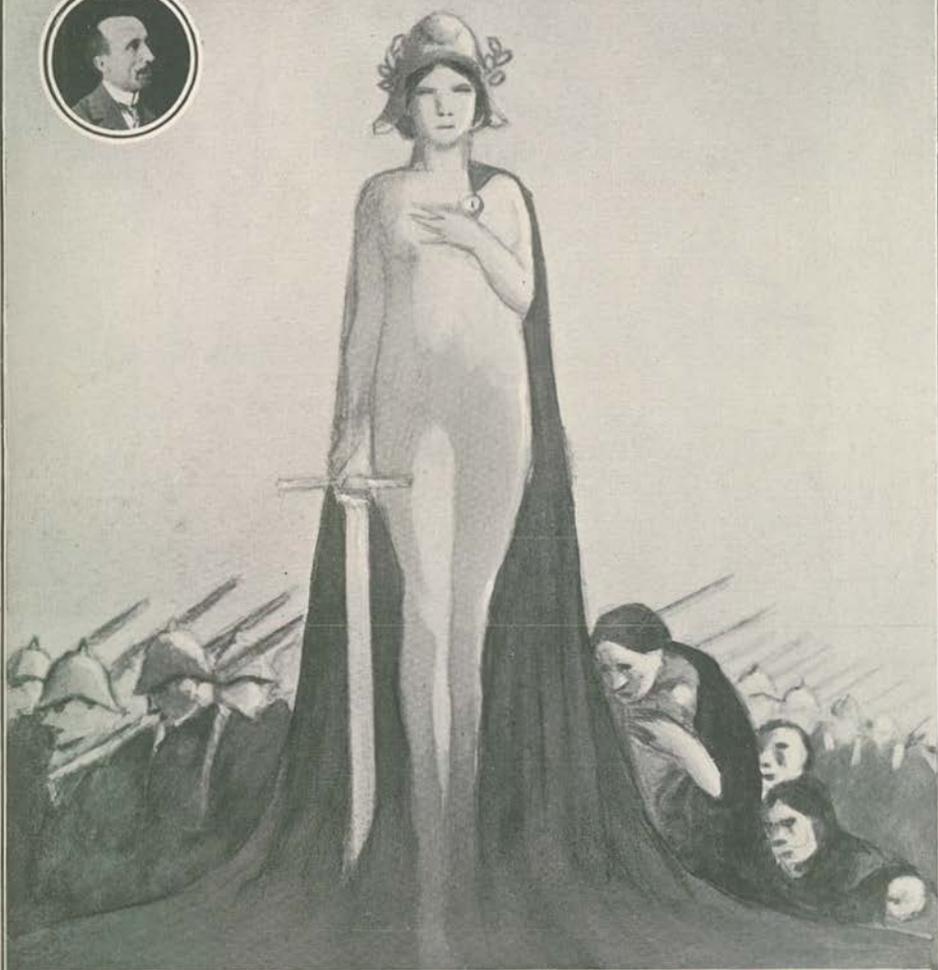
1. Infantaria austriaca em posição de combate.—2. Efeitos de artilharia russa em Orlelsbourg.—3. Tropas territoriais francezas (atiradores argelinos).



A chegada de um comboio hospital à gare



Destroços abandonados depois de uma batalha



PELA PATRIA

(Aos officiaes expedicionarios)

E' tão grande esta terra portugüesa
A minha terra-mãe, terra adorada!
E vejo-a revestida de nobresa
Na lamina fulgente d'essa espada.

Ides partir! mas só não ides, não:
A minha alma comvosco irá tambem;
Porque eu a sinto aqui, no coração,
Viver comigo a minha terra-mãe.

Eu vos saúdo, irmãos d'esses soldados
Que vivem já no panteon da historia
De louros voltareis aqui c'roados.
D'esses louros honrosos da vitoria.

E as benções e preces carinhosas,
Que acompanhar-vos vão pelo mundo além,
Hão de fazer-se pétalas de rosas
Desfolhadas por mãos de noiva e mãe.

(Recitada no Ateneu Commercial de Braga n'um sarau dedicado aos officiaes expedicionarios)

VICENTE BRAGA

FIGURAS E FACTOS



1. O sr. Joaquim Antonio Fernandes, industrial, falecido em Lisboa.—2. O sr. Francisco Manuel Aguas, funcionario publico, falecido em Lisboa.—3. O sr. Gerardo Pereira, proprietario em Ribeira de Santarem, ali falecido.—4. O sr. Constantino Carlos Almeida Lamas, bombeiro voluntario, falecido em Lisboa.—5. O sr. dr. Evaristo Pedro Brandão, antigo deputado por S. Tomé, falecido em Lisboa.—6. O sr. Artur Eduardo Chichorro da Costa, funcionario publico, falecido em Lisboa.—7. O sr. Joaquim Agostinho Luiz de Matos, comerciante, falecido em Lisboa.—8. O sr. Henrique de Macedo, funcionario da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, falecido em Lisboa.—9. O sr. Luiz Eduardo Marques, engenheiro do vapor «Algarves», falecido em Lisboa.—10. O sr. dr. Pedro Bernardo Soares, juiz de direito, falecido em Celorico da Beira.—11. O sr. João da Conceição Barreto, funcionario do Estado, aposentado, falecido em Ithavo.—12. O sr. dr. Carlos Augusto Silva Martins, illustre medico na Vidigueira, falecido em Lisboa em casa de seu pae o distincto professor e escritor pedagogico sr. A. Barata Santos Martins.



13. O sr. Visconde de Vila Moura, autor do livro de versos «Boémios», ultimamente publicado.



15. O Grupo Musical de S. Vicente de Cabo Verde, que ali realizou um concerto em beneficio da Cruz Vermelha ingleza.



14. O sr. Joaquim Corrêa da Costa, autor do livro de versos «Cantares» que ha pouco se publicou.



16, 17 e 18. Os srs. José Ferreira, Antonio Ferreira e Varandas, importantes commerciantes, que se tem interessado pelos progressos da Amadora

19. O distincto ator sr. Gouveia Pinto, estimado camaroteiro do teatro Nacional, que faz hoje a sua festa artistica

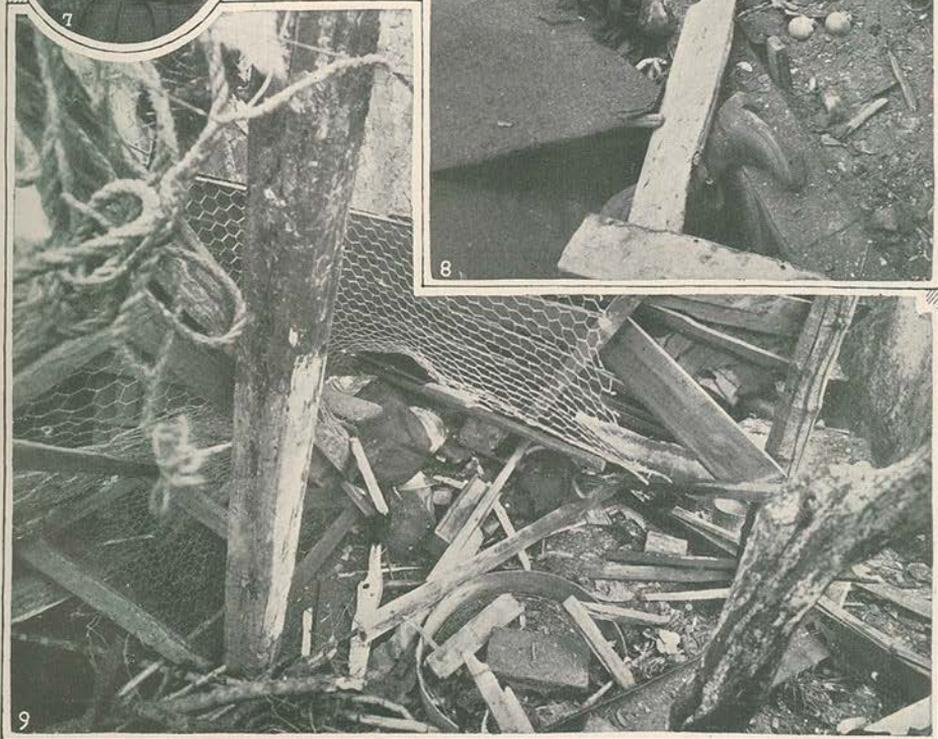
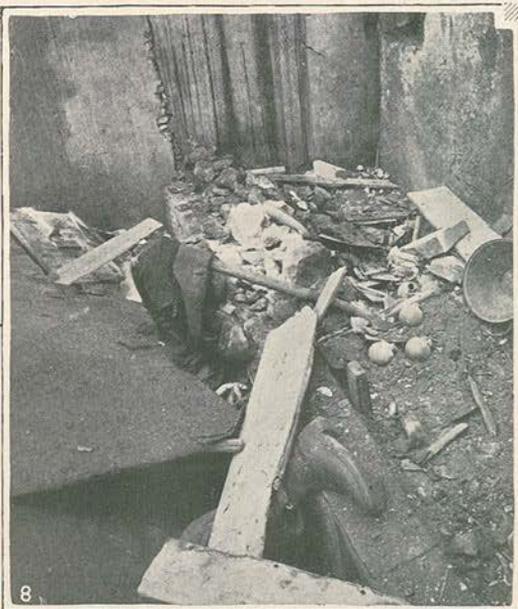
20. e 21. Os srs. Ludgero e Bernardino Gomes da Silva, proprietarios da casa Vivia Gomes, de Colares, que ofereceram o vinho para a ambulancia da expedicao portugueza que parte para a guerra,



1. O sr. dr. Luiz Caetano Sant'Ana Alvares, capitão-medico do quadro colonial, falecido em Lisboa — 2. O sr. José Augusto Mesquita, proprietário em Alvega, ali falecido ha dias — 3. O sr. Luiz Carqueja, irmão do nosso distinto colega do Comercio do Porto, sr. Bento Carqueja, e importante proprietario e capitalista em Macinhata de Seiza, Oliveira d'Azemeis, onde faleceu e onde era muito estimado pelo seu caracter e pelo bem que fazia á pobreza — 4. O sr. visconde de Salgado, antigo consul de Portugal no Rio de Janeiro, opoentado ja ha alguns anos, falecido em Lisboa. Era natural de Montemor-o-Novo e contava 55 anos de idade. Era muito estimado pela colonia brasileira residente em Lisboa. 5. O general sr. Agostinho Maria Cardoso, official muito distinto e que faleceu em Lisboa na idade de 71 anos — 6. O major do estado maior de infantaria, sr. Vicente José Bugalho, natural de Porto de Moz, que faleceu em Lisboa e foi transportado para Portalegre para jazigo de familia

Na ocasião em que o anarquista Mateus Rodrigues procedia em uma casa da rua do Borja á manipulação de bombas para empregar não se sabe em que ocasião, duas d'elas explodiram causando enorme estampido, que alarmou a vizinhança, indo os estilhaços matar o manipulador.

Um seu companheiro, que foi preso, e se chama Ameano da Silva, pouco soffreu no sinistro.



7. O anarquista Ameano da Silva, que escapou de ser atingido pela bomba — 8. Destroços da casa da rua do Borja, onde se deu a explosão. Entre eles uma perna da vitima que foi atingida pelos estilhaços — 9. Mais destroços da casa da rua do Borja, vendo-se entre eles a cabeça da vitima da sua imprudencia

COLONOS E EMIGRANTES

NO
Estado de S. Paulo

São Paulo precisa, como todo o paiz novo, para utilização das suas forças naturais e aperfeiçoamento da sua organização social e economica, da estíma e do concurso dos paizes mais antigos e adeantados, d'onde irradiem com os capitaes e os braços, que são os unicos fatores da prosperidade geral, as instituições modelares de que já está gosando, atualmente, os frutos benéficos e sazonados.

E' corrente a ideia de que São Paulo alcançou em tão breves anos uma perfeição absoluta, no tocante á cultura da terra. Nada mais erroneo, porquanto, não ha industria que, isoladamente, possar atingir o maximo desenvolvimento de que é suscetível, como também não ha processos que se aperfeiçoem rapidos, desde que só tenham por objeto um campo restrito de applicações immediatas. A «monocultura agricola e industrial é exato sinonimo de imperfeita cultura» Consciente d'isto, é que o Estado de São Paulo, houve por bem, sem renegar um só dos seus esforços no passado, crear serviços novos, ampliando quanto em suas forças cabe a esfera e os meios da sua ação socialisadora.

Estado de um paiz novo, riquissimo, cheio de recursos proprios, São Paulo pensa que nenhum problema social lhe deve ser extranho e que a simplicidade, aparente, da sua vida não o exime de meditar questões que agitam os povos europeas.

menos receptividade de ideias, passariam por longas e fastidiosas étapes, e isto, apesar da simplicidade da sua organização. Aliás essa simplicidade é pouco verdadeira com relação á industria paulista. O São Paulo, exclusivamente agricola, o da monocultura cafézista é um puro mito. São Paulo, real e verdadeiro, é um vasto complexo de muitas industrias, crescido por uma vida comercial intensissima, um foco que em poucos anos deve projetar luz vivissima em toda a sua atividade. E' verdade que o café tem em São Paulo primaria importancia; basta dizer que a superficie apropriada á sua cultura ainda pode ser aproveitada por 3 milhões de cafezeiros. Mas, mesmo assim, as



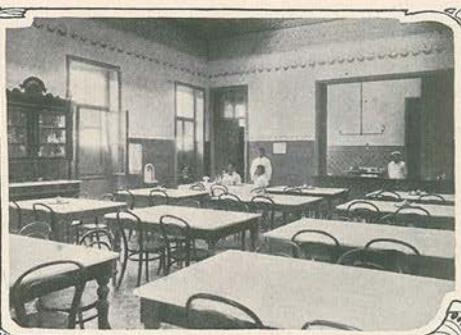
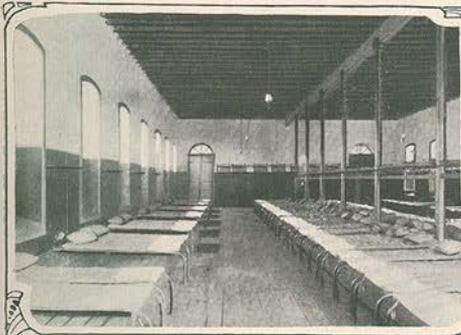
O edificio da «Agencia Oficial de Colonisacão e Trabalho»



Grupo de emigrantes, na maioria portugueses

Assim o vemos não deprezar nada que contribua para a emancipação completa da vida estadual, realizando empreendimentos que, em outros povos de so-

industrias manufatureiras tem geral cabimento em todo o Estado, como o atestam as ultimas estatisticas. Obedecendo ao pensamento generoso, á elevada



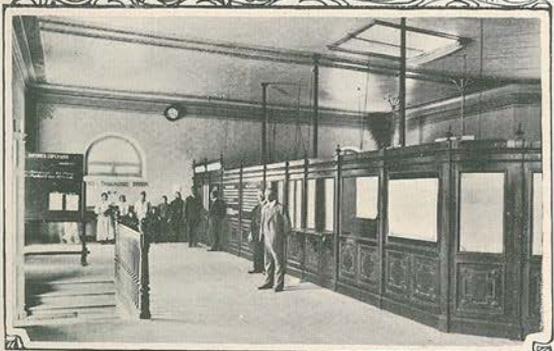
convicção de que «tudo está por fazer», é que o Governo entendeu crear o «Departamento Estadual do Trabalho», para regularização de colonos e emigrantes, facultando-lhes todos os recursos indispensáveis a quem abandona a sua patria de origem e procura no Estado a sua emancipação material. Defendendo os interesses da emigração e salvaguardando os proprios é que o Estado consegue atraí-la ou por intermedio dos seus agentes na Europa ou aceitando todos os emigrantes que batem á sua porta a pedir-lhe auxilio. Esse auxilio é-lhes fornecido pelo

tituem o aparelho demonstrativo do alto grau de aperfeiçoamento a que atingiu, em São Paulo, a intervenção do Estado na sua ação auxiliar da lavoura, das industrias e do povoamento do solo, em que assenta a mais operosa parte da nação brasileira e do mais poderoso futuro da raça latina.

O Departamento Estadual do Trabalho () tem como diretor o major sr. Luiz Ferraz. HABIL concebedor de homens, raros como ele podiam desempenhar cargo tão difficil. A direção do «Patronato Agricola» está entregue ao sr. dr. Eugenio Egas, histo-



Departamento, da seguinte maneira: (a) A «Hospedaria dos Emigrantes», recebe-os e durante 6 dias fornece-lhes meza e cama; (b) a «Agencia Oficial de Colocação», facilita-lhes os contratos com os fazendeiros e industrias; (c) e o «Patronato Agricola» vela interesses de colonos e patrões sob o ponto de vista juridico. Estas tres admiraveis organizações cons-



riador e jurisculto. E' um grande amigo de Portugal, onde já fez conferencias sobre as relações lizo-brazileiras.

Até n'isto o governo de São Paulo é soberbamente pratico: procura os homens para os logares e não fabrica estes para os afeiçoados...

1. Dormitorio da «Hospedaria de Emigrantes» em S. Paulo.—2. Restaurant da «Hospedaria dos Emigrantes» em S. Paulo.—3. Embarque de emigrantes na estação de Santos para o interior do Estado.—4. Interior da «Agencia de Colonização e Trabalho» de S. Paulo.

São Paulo, 1914.

Jose Simões Coelho.

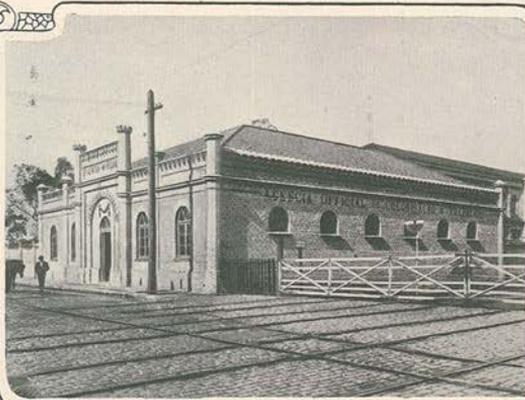
COLONOS E EMIGRANTES

NO
Estado de S. Paulo

São Paulo precisa, como todo o paiz novo, para utilização das suas forças naturais e aperfeiçoamento da sua organização social e economica, da estíma e do concurso dos paizes mais antigos e deantados, d'onde irradiem com os capitaes e os braços, que são os unicos fatores da prosperidade geral, as instituições modelares de que já está gosando, atualmente, os frutos benéficos e sazoados.

E' corrente a ideia de que São Paulo alcançou em tão breves anos uma perfeição absoluta, no tocante á cultura da terra. Nada mais erroneo, porquanto, não ha industria que, isoladamente, possa atingir o maximo desenvolvimento de que é suscetível, como tambem não ha processos que se aperfeicem rapidos, desde que só tenham por objeto um campo restrito de applicações imediatas. A «monocultura agricola e industrial é exato sinonimo de imperfeita cultura» Consciente d'isto, é que o Estado de São Paulo, houve por bem, sem renegar um só dos seus esforços no passado, crear serviços novos, ampliando quanto em suas forças cabe a esfera e os meios da sua ação socialisadora.

Estado de um paiz novo, riquissimo, cheio de recursos proprios, São Paulo pensa que nenhum problema social lhe deve ser extranho e que a simplicidade, aparente, da sua vida não o exime de meditar questões que agitam os povos europeis.



O edificio da «Agencia Oficial de Colonização e Trabalho»

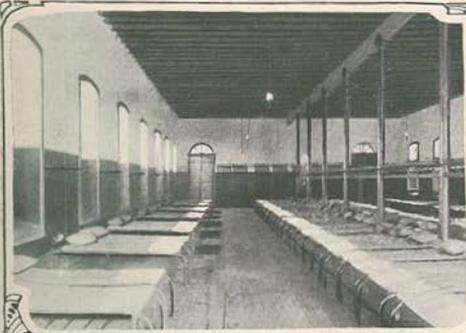
menos receptividade de ideias, passariam por longas e fastidiosas étapes, e isto, apesar da simplicidade da sua organização. Aliás essa simplicidade é pouco verdadeira com relação á industria paulista. O São Paulo, exclusivamente agricola, o da monocultura cafézista é um puro mito. São Paulo, real e verdadeiro, é um vasto complexo de muitas industrias, crescido por uma vida comercial intensissima, um fóco que em poucos anos deve projetar luz vivissima em toda a sua atividade. E' verdade due o café tem em São Paulo primaria importancia; basta dizer que a superficie apropriada á sua cultura ainda pode ser aproveitada por 3 milhões de cafezeiros. Mas, mesmo assim, as



Grupo de emigrantes, na maioria portugueses

Assim o vemos não deprezar nada que contribua para a emancipação completa da vida estadual, realizando empreendimentos que, em outros povos de so-

industrias manufatureiras tem geral cabimento em todo o Estado, como o atestam as ultimas estatisticas. Obedecendo ao pensamento generoso, á elevada



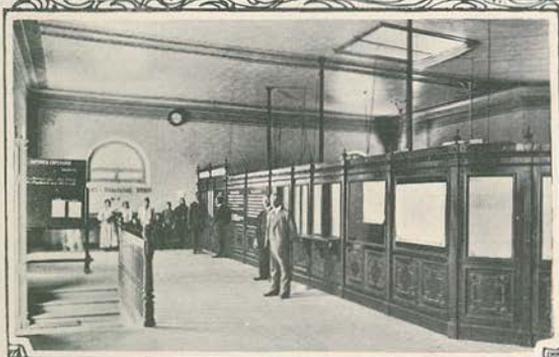
convicção de que «tudo está por fazer», é que o Governo entendeu crear o «Departamento Estadual do Trabalho», para regularização de colonos e emigrantes, facultando-lhes todos os recursos indispensáveis a quem abandona a sua patria de origem e procura no Estado a sua emancipação material. Defendendo os interesses da emigração e salvaguardando os proprios é que o Estado consegue atra-la ou por intermedio dos seus agentes na Europa ou aceitando todos os emigrantes que batem á sua porta a pedir-lhe auxilio. Esse auxilio é-lhes fornecido pelo

tituam o aparelho demonstrativo do alto grau de aperfeiçoamento a que atingiu, em São Paulo, a intervenção do Estado na sua ação auxiliar da lavoura, das industrias e do povoamento do solo, em que assenta a mais operosa parte da nação brasileira e do mais poderoso futuro da raça latina.

O Departamento Estadual do Trabalho () tem como diretor o major sr. Luiz Ferraz. Habilidade de homens, raros como ele podiam desempenhar cargo tão difficil. A direção do «Patronato Agrícola» está entregue ao sr. dr. Eugenio Egas, histo-



Departamento, da seguinte maneira: (a) A «Hospedaria dos Emigrantes», recebe-os e durante 6 dias fornece-lhes meza e cama; (b) a «Agencia Oficial de Colocação», facilita-lhes os contratos com os fazendeiros e industrias; (c) e o «Patronato Agrícola» vela interesses de colonos e patrões sob o ponto de vista juridico. Estas tres admiráveis organizações cons-



1. Dormitório da «Hospedaria de Emigrantes» em S. Paulo.—2. Restaurant da «Hospedaria dos Emigrantes» em S. Paulo.—3. Embarque de emigrantes na estação de Santos para o interior do Estado.—4. Interior da «Agencia de Colocação e Trabalhos» de S. Paulo.

riador e juriscônsulto. E' um grande amigo de Portugal, onde já fez conferencias sobre as relações luzo-brazileiras.

Até n'isto o governo de São Paulo é soberbamente pratico: procura os homens para os logares e não fabrica estes para os ateiçoados...

São Paulo, 1914.

José Simões Coelho.

TEATROS

ILUSTRE DESCONHECIDO no Teatro Nacional

O Teatro Nacional fez afixar uns cartazes em que, por baixo d'uma expressiva caricatura de Tristan Bernard, se lêem estas palavras «Ilustre desconhecido». A ironia dos títulos e dos reclamos dá, por vezes, lugar a estas curiosas expressões de espirito. Aqui o Ilustre desconhecido não é, como á primeira vista, pode supor um passageiro que chegue da estação do Rocio, o interessante, o paradoxal e risonho Tristan Bernard, autor d'algumas obras notaveis no moderno humorismo teatral francez.



O ator Henrique d'Albuquerque, um dos interpretes do «Ilustre Desconhecido»

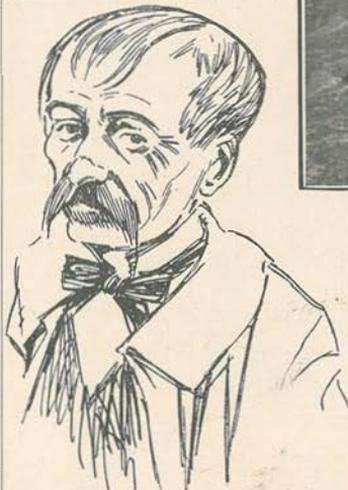
O *Ilustre Desconhecido* é o titulo da tradução feliz que Tito Martins fez de *Le Danseur Inconnu*, comedia em que a candura d'uma rapariga rica e a indecisão d'um rapaz pobre e apaixonado sorriem atravez de tres atos leves e deliciosamente engraçados.

Tristan Bernard é, de todos os atuais comediografos francezes, aquele que mais culta e engenhosamente

respeita a tradição molieresca. O seu processo de rir e de crear figuras é Moliere um pequeno Moliere de boulevard do seculo XX. A critica franceza classificou unanimemente dentro da tradição do espirito do *Bourgeois Gentilhomme* e do *Misanthropo* uma espirituosa e admiravel peça n'um ato *Le Jeune Exigeant*, que Tristan Bernard escreveu para a comedia franceza.

Le Danseur Inconnu vive do mesmo processo literario. Aquelle *Barthasard* da peça é uma figura arrancada á galeria do genial creador do *Misanthropo*. E ainda de Moliere, Tristan Bernard podia adotar, como comediografo, a celebre divisa: *faire rire les honêtes gens*.

E *les honêtes gens* ríem, tão cintilante é sempre o riso cristalino da velha farça gauleza,



Companhia Garamba no Coliseu dos Recreios

Que m se quer bem... A Companhia Garamba volta a dar-nos no Coliseu algumas deliciosas noites de opereta e opera-comica. Depois de alguns mezes de ausencia, o sr. Antonio Santos restitue-nos a formosura de Maria Ivanisi e a graça de Steffi Czilag, com todo o moderno repertorio de musica ligeira. E, emquanto ali em frente, no Politeama, continua com exito *A Garota*, o Coliseu vae dar-nos em breve *O Garoto*. Já, em tempos, tivemos em Lisboa, com muito sucesso, *Os dois garotos*, mas no mesmo teatro e por junto. Agora correm os fados, em separado — na mesma rua e não se conhecem.



Teatro Nacional: Uma cena da peça o «Ilustre Desconhecido»

n'essa boca severa de barbaças de cartorio, com que as fotografias nos reproduzem o autor dos *Deux Jumeaux de Brighton*.



«Cliché» Benollet.

Augusto Rosa

No Teatro de S. Carlos realisoou na passada quarta-feira a sua festa d'arte o grande mestre do teatro portuguez que se chama Augusto Rosa. Representou-se *O Assalto*, em cujo segundo ato vibra talvez a mais humana emoção da obra de Bernstein. Do *D. Cezar de Bazan ao Ladrão*, ao *Samsão* e ao *Assalto* vae toda uma galeria de admiraveis creações — e n'elas fica, vibrante de *panache* e de expressão, a marca d'um dos maiores talentos que têm enriquecido a arte portugueza contemporanea. O publico, fiel admirador e amigo de Augusto Rosa, em tantos anos de aclamações e glórias, saudou mais uma vez, na quarta-feira, o seu querido e grande artista.

A. DE C.

Desenhos de Hipólito Colomb.